

Iracema, para além das expectativas. Ficcionalização da História em José de Alencar.

Iracema, beyond expectations. Fiction and History in José de Alencar.

Tito Barros Leal*

Resumo: *Iracema* (1865), obra maior de José de Alencar, mistura em seu enredo fabular Literatura e História. Escrita a partir da perspectiva do *como-deve-ter-sido*, a *Lenda do Ceará* traça o panorama de um possível universo colonial reinventando o tempo dos primeiros contatos interétnicos. Conferindo movimento e cor às narrativas colhidas nos cronistas do Brasil colonial, José de Alencar transcende a estática-monocrômica própria daqueles documentos históricos e (re)constrói as práticas e mentalidades de um passado distante. O poema em prosa revela, portanto, uma perspectiva historiográfica muito peculiar, intimamente ligada à estética nacionalista proposta pelo escritor cearense. A intenção deste artigo é, pois, discutir as características desta obra clássica da literatura brasileira contribuindo para a percepção de um José de Alencar, historiador à sua maneira¹.

Palavras-Chave: Iracema. José de Alencar. Historiografia.

Abstract: *Iracema* (1865), the most important work of José de Alencar, mixing in its plot fable Literature and History. Written from the perspective of how-should-have-been, the Legend of Ceará traces the picture of a possible universe reinventing colonial time of the first interethnic contacts. Checking motion and color to the narrative taken from the chroniclers of colonial Brazil, José de Alencar transcends those static-monochrome own historical documents and (re) building practices and attitudes of a distant past. The prose-poem thus reveals a very peculiar historiographical perspective, closely linked to the nationalist aesthetic proposed by the writer of Ceará. The intention of this paper is therefore to discuss the feature of

* Doutorando em História pela Universidade Clássica de Lisboa; Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará; Especialista em Estudos Clássicos, Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. titobarrosleal@hotmail.com

¹ Cf. PELOGGIO, Marcelo. *José de Alencar: um historiador à sua maneira*. **Alea**, vol. 06, n° 01, Jan.-jun. 2004, pp. 81-95.

this classic work of Brazilian literature contributing to the perception of José de Alencar, a historian in his own way.

Keywords: Iracema. José de Alencar. Historiography.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pela história.

BENJAMIN, Walter.
Sobre o conceito de História - 3ª tese

For the historians, the very reconstruction of a "context" or a "reality" takes place on the basis of "textualized" remainders of the past.

LaCAPRA, Dominick.
Modern European Intellectual History.

O que justamente faz a perenidade de certas grandes obras históricas, cuja fiabilidade propriamente científica o progresso documentário, porém, erodiu, é o caráter exatamente apropriado de sua arte poética e retórica à sua maneira de ver o passado.

RICOEUR, Paul.
Tempo e Narrativa

Nascido a 1º de maio de 1829, em Messejana, no Estado do Ceará, José de Alencar viria a produzir vasta obra abordando toda a imensidão brasileira. Em seus textos compilou, analisou, teceu e promoveu a complexidade histórico-cultural do Império dos trópicos. Nas palavras de Machado de Assis:

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas. (...) O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos tirados da vida ambiente e da história local (ASSIS, 1897, p. 625).²

José de Alencar expressou-se por meio de vários estilos. Romance, conto, teatro, poesia, crônica e crítica, para ficarmos apenas no domínio das letras e não nos alongarmos nos discursos, cartas, panfletos, estudos filológicos, biografias etc, mostram a versatilidade invulgar do autor.

O esmerado trabalho de observação do cotidiano e a singular erudição de Alencar produziram textos impressionantemente ricos na descrição dos cenários e

² Todas as referências às obras de Machado de Assis e de José de Alencar dizem respeito às obras completas desses autores publicadas pela editora Nova Aguilar. Preferimos, contudo, notar sempre o ano da primeira publicação do texto utilizado, pois assim julgamos possibilitar, ao leitor, melhor situação no espaço histórico trabalhado. As informações completas das obras utilizadas dos dois autores constam nas referências bibliográficas, ao final do artigo.

das situações sociais e na profundidade psicológica das personagens. Por isso mesmo, seus textos são campos bem arados para o cultivo de uma História do cotidiano do Rio de Janeiro Imperial e, também, para uma História das mentalidades do Brasil Colonial.

Iracema: método histórico na construção do mito.

Quando em 23 de janeiro de 1866, nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis publicou a crítica intitulada *Iracema, por José de Alencar*, teve a preocupação de registrar, logo nos primeiros parágrafos de sua análise, a cura metodológica com que o escritor cearense escreveu o romance. Dizia o Bruxo do Cosme Velho:

Estudando profundamente a língua e os costumes dos selvagens, obrigou-se o autor a entrar mais ao fundo da poesia americana; entendia ele, e entendia bem, que a poesia americana não estava completamente achada; que era preciso prevenir-se contra um anacronismo moral, que consiste em dar ideias modernas e civilizadas aos filhos incultos da floresta. (...) A conclusão a tirar daqui é que o autor houve-se nisto com uma ciência e uma consciência, para as quais todos os louvores são poucos (ASSIS, 1866, p. 849).

É comum ao autor romântico munir-se de leituras históricas para escrever seus textos. Assim procederam Almeida Garret e Alexandre Herculano em Portugal, Vitor Hugo na França, Walter Scott na Inglaterra e tantos outros.

Em José de Alencar, a originalidade reside na forma como o autor desenvolveu seu método de pesquisa e o incorporou aos seus textos evidenciando, inclusive, as fontes consultadas.

Apresentar a documentação pesquisada, os cronistas e os viajantes lidos, tudo enfim que contribuiu para a ordenação das ideias e a inspiração histórica do tema, ao que parece, alicerça o texto de Alencar, conferindo-lhe o chão histórico necessário para o desenvolvimento da narrativa.

A partir do modelo alencarino, retomemos as observações de Paul Ricoeur. A intenção é compreender a validade da incorporação da ficção à História (e vice-versa) a partir da ideia do *ter sido* sem, contudo, perder de vista o intuito de realismo que realiza a História enquanto disciplina específica do engenho humano.

Assim, refletimos sobre um dos fundamentos básicos requeridos ao historiador, a interpretação. Ora bem, o que significa, do ponto de vista do historiador, interpretar um documento? Não seria operar sobre ele leitura carregada de chaves hermenêuticas que possibilitem extrair o que vivido do inanimado?

Jacques Le Goff, em *História e Memória*, afirma que os documentos são frutos de uma montagem, consciente ou não, do consórcio bem imbricado entre o *locus* histórico que o produziu e a consciência histórica que sobre ele se desenrola³.

Para o historiador dos *Annales*, o documento seria algo como que eterno (enquanto dure); seria um ente testemunhal à espera da pergunta, do estudo, da análise, à espera, enfim, de ser compreendido por alguém. O documento não pode, contudo, ser tomado como algo objetivo e inócuo. Atenta Le Goff (1994, p. 548): “não existe documento-verdade. Todo documento é mentira”.

É pela interpretação do historiador que se processa a aproximação do conteúdo interno do documento com a realidade externa a ele que se busca explicar. Mas se o documento não é objetivo em si, o mesmo deve ser dito do historiador que o manipula. O processo de averiguação do *como-foi* acaba por se misturar à interpretação parcial própria do historiador que desenvolve sua análise a partir de um ponto de vista aproximativo marcado, por sua vez, pela noção de *como-deve-ter-sido*⁴.

Hayden White nos lembra que:

os historiadores ocupam-se de eventos que podem ser atribuídos a situações específicas de tempo e espaço, eventos que são (ou foram) em princípio observáveis ou perceptíveis, ao passo que os escritores imaginativos (...) se ocupam tanto desses tipos de eventos quanto dos imaginados (WHITE, 1994, p. 137).

Pelo que se expõe, não seria forçoso estabelecer paralelo entre as ideias estéticas alencarinas ora discutidas e as considerações respeitantes à *ficcionalização da história* propostas por Paul Ricoeur em seu *Tempo e narrativa*.

O filósofo francês, dentre outras possibilidades de ficcionalização, nos fala sobre o conceito de *epoch-making*. Segundo Ricoeur (1997, p. 324), essas marcas pelas quais uma comunidade histórica determina eventos marcantes ou definidores

³ Cf. LE GOFF, Jacques. **História e Memória** Campinas: Unicamp, 1994, especialmente o capítulo intitulado *Documento/monumento*.

⁴ Cf. WHITE, Hayden, **Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

de sua identidade contribuem substancialmente para a própria identidade narrativa do grupo em questão.

Destarte, o ato de registrar os eventos históricos se desdobra numa complexa questão ética. Entre a abstenção de seus sentimentos e a tomada de posição ante o fato analisado, o historiador deve escrever *aquilo que foi*. Ora, o que foi não se sabe, busca-se saber e esse *buscar saber* é transmitido pela narrativa do historiador. Por isso mesmo, na narrativa historiográfica, historiador e história se confundem.

Seguindo esse viés de raciocínio, traçamos paralelos entre a narrativa do historiador, tal como pensada por Ricoeur e a poesia épica na perspectiva alencarina, pois para Alencar, o poeta épico deve ser autor e ator de sua obra. Exercendo o papel de autor prepara a cena, ordena e decora o ambiente devendo, disso, tirar o maior proveito; na condição de ator, o poeta está obrigado a empregar um tom e uma elevação que favoreçam seu estilo e suas palavras (ALENCAR, 1856, p. 870).

O que se vê, portanto, é uma reflexão original e exemplar sobre aquilo que Ricoeur, no esteio de Hayden White, afirma ser *imaginação histórica*⁵. O próprio Alencar, num estudo de filologia intitulado *O nome Ceará* (um de seus últimos ensaios literários), afirmava:

A história pode ser a voz austera da verdade, sem que precise armar-se contra os poucos vestígios da imaginação pitoresca dos indígenas, escapos no meio da aridez dos cronistas ao carolismo dos padres e ao materialismo dos aventureiros (ALENCAR, 1877, p. 1036).

Vale ressaltar ainda: no caso específico do autor de *Ubirajara*, o sentido ético da narrativa desenvolvida não pode ser dissociado dos princípios estéticos. Segundo ele as palavras são “como as vestes do pensamento, que ora o trajam de galas e sedas, ora de lã e de estamena” (ALENCAR, 1856, p. 871).

Deve ficar claro que a teoria da *ficção das representações factuais* proposta por White não busca equivaler os eventos históricos e os ficcionais. De fato, a questão central proposta pelo historiador americano é perceber “o grau em que o discurso do historiador e do escritor imaginativo se sobrepõe, se assemelham ou se correspondem mutuamente” (ALENCAR, 1856, p. 871).

⁵ Acerca do conceito de imaginação histórica vale cf. COLLINGWOOD, Robin G. **The idea of history**. Oxford: Oxford UK Print On, 1996; VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. Brasília: UNB, 1998; WHITE, Hayden. **Meta-História**. São Paulo: EDUSP, 2008; WHITE, Hayden. **El texto histórico como artefacto literário**. Buenos Aires: Paidós, 2003 e LACAPRA, Dominick. **História en transitio**. Buenos Aires: Fondo Argentina, 2007, além, é claro, do citado livro de Paul Ricoeur.

Escrevendo *Iracema* (1865) a partir da perspectiva do *como-deve-ter-sido*, José de Alencar traça o panorama de um possível Ceará no tempo dos primeiros contatos. O autor não se propôs a escrever uma obra de história, pelo contrário, sua intenção foi claramente literária e o próprio subtítulo do livro, *Lenda do Ceará*, alerta para isso.

Essa característica da obra, contudo, não impossibilita percepção de um José de Alencar, historiador à sua maneira⁶.

Ao analisarmos o livro em sua estruturação temos, como elementos pré-textuais, um prólogo e um argumento histórico; o romance propriamente dito, com 33 capítulos e cerca de 130 páginas e os elementos pós-textuais, a saber: 128 notas explicativas, uma carta autocrítica sobre a obra e, acrescentada na segunda edição, um pós-escrito.

Feito para ser lido ao doce embalo da rede, o livro descortina a interpretação do autor no tocante às mentalidades do Brasil colônia, além de um sem fim de sensações. A narrativa trina e una, qual mistério só explicado pela fé, traz à lume a unissonidade profunda entre história, poesia e mito.

Nos 18 parágrafos que compõem o argumento histórico da obra, o autor apresenta os tipos das personagens rememorando, pela história, a realidade de alguns integrantes da narrativa. É com olhos postos neste recurso introdutório que podemos à luz das categorias de Hayden White, compreender a tropologia do discurso alencarino.

Há no livro dois heróis da luta portuguesa contra os holandeses, a saber: Martim Soares Moreno e Antônio Felipe Camarão, o índio Poti. Estes dois personagens conferem à obra suas bases históricas.

Nos oito primeiros parágrafos da argumentação ou fabulação histórica, Alencar apresenta o processo colonizador que irmanava portugueses e índios do litoral. Juntos, Martim e Poti conseguiram consolidar o povoado colonial, protegendo-o “contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa” (ALENCAR, 1856, p. 194). É sabido, contudo, que o processo histórico das relações interétnicas relativas à colonização do Ceará não foram tão simples quanto apresentados no argumento do livro.

⁶ Cf. PELOGGIO, Marcelo. *José de Alencar: um historiador à sua maneira*. **Alea**, vol. 06, n° 01, Jan.-jun. 2004, pp. 81-95.

Apesar de pouco aprofundar o processo histórico propriamente dito, a passagem nos permite traçar pelo menos três considerações sobre o método historiográfico alencarino: em primeiro lugar devemos ressaltar que o autor se apresenta preocupado com a possibilidade de que lhe “censurem de infiel à verdade histórica” (ALENCAR, 1856, p. 194), o que o liga, obviamente, à tradição historiográfica do século XIX; em segundo lugar e ainda marcando a filiação de Alencar ao seu tempo historiográfico, o autor faz uso de documentos que validam seus argumentos sendo exemplo do disso a citação das *Memórias diárias da guerra brasílica*, escritas pelo Conde de Pernambuco em 1834; em terceiro lugar o autor faz referência à tradição oral como fonte histórica, segundo ele próprio “a tradição oral é uma fonte importante da história, e às vezes a mais pura e verdadeira” (ALENCAR, 1856, p. 195).⁷

É importante lembrar que, conforme diz na Carta ao Dr. Jaguaribe⁸, Alencar levou em conta para a construção da personagem Poti, o estudo biográfico que havia realizado sobre Felipe Camarão, posteriormente publicado na Revista Ensaios Literários, fundada por ele e alguns companheiros da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1846.

É no romance propriamente dito onde se dá o desenvolvimento do caráter de cada personagem. Escusado dizer que o *tipo* se refere à construção exterior da personagem e a ela institui os por menores sócio-históricos, enquanto o *caráter* é elemento de ordem psicológica, demonstrando as paixões e os aspectos da alma dos indivíduos (ALENCAR, 1872, p. 937).

Como bem destaca Arthur Motta (1921, p. 110), contudo, em *Iracema* a ação da lenda prende-se por fios tenuíssimos ao argumento histórico e de outra forma não poderia ser, dada a dimensão primeva do texto.

Em várias passagens *Iracema* deixa transparecer descrições históricas, de cunho etnográfico. No capítulo XVI, por exemplo, provavelmente poetizando a partir de apontamentos de cronistas coloniais, José de Alencar pintou o quadro do ritual da

7. Não queremos afirmar que Alencar vaticinou o uso da História Oral enquanto método para a construção de uma narrativa histórica. Longe disso. Apostamos, contudo, na estreita relação que há entre a construção de uma história oral e da narrativa ficcional do romance alencarino. Talvez esse fato tenha levado Alencar a consentir simpatia pela oralidade enquanto fonte para a construção de seu argumento histórico.

⁸ pós-escrito que finaliza a primeira edição de *Iracema*

Jurema⁹. A própria construção do texto nos sugere um ponto de separação entre o mito e a história. Os cinco parágrafos que iniciam idilicamente o andamento do capítulo são interrompidos pela simples frase: “Cai a tarde.”¹⁰ Deste ponto em diante, até o fim da descrição da cena do costume indígena, o texto sugere uma sutil mudança de tom:

Os guerreiros seguem Irapuã ao bosque sagrado, onde os espera o Pajé [Araquém] e sua filha [Iracema] para o mistério da Jurema.

(...)

Cada guerreiro que chega, depõe a seus pés uma oferenda a Tupã. Traz um a succulenta caça; outro, a farinha d’água; aquele, o saboroso piracém da traíra. O velho Pajé, para quem são essas dádivas, as recebe com desdém.

(...) O ministro de Tupã ordena o silêncio com um gesto, e três vezes clamando o nome terrível, enche-se do deus que o habita.

(...)

Araquém decreta os sonhos a cada guerreiro e distribui o vinho da jurema, que transporá ao céu o valente tabajara.

(...)

Todos sentem felicidade tão viva e contínua que no espaço da noite cuidam viver muitas luas (ALENCAR, 1865, p. 219-220).

Concluída a apresentação do ritual, o autor parece retornar ao romance e o lança-lo novamente em mítico campo. “Iracema, depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã, saiu do bosque. Não permitia o rito que ela assistisse ao sono dos guerreiros e ouvisse falar os sonhos” (ALENCAR, 1865, p. 220). Não podendo ficar no local sagrado, a virgem “foi dali direto à cabana onde a esperava Martin” (ALENCAR, 1865, p. 220)¹¹.

Outra passagem também exemplifica esses instantes de descrição, quase realistas, que ponteiavam todo o livro. No capítulo XXIV, Alencar descreve a cerimônia de pintura corporal à qual Martim se submetera ao assumir a “pátria da esposa [Iracema] e do amigo [Poti]” (ALENCAR, 1865, p. 232).

⁹ Segundo Tomás Pompeu Sobrinho “Jurema é também nome de uma bebida célebre do índio tanto pela preparação quanto pelos efeitos. Quando os portugueses aportaram pela primeira vez ao Brasil o segredo da preparação da Jurema era confiado a uma donzela consagrada a Tupã, a qual (...) sob pena de morte devia guardar perpetuamente a virgindade.” In: NOGUEIRA, Paulino. *Vocabulário Indígena. Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Antropológico e Geográfico)*, tomo I, 1887, p. 209-435.

¹⁰ “Cai a tarde”; “aproxima-se o dia”; “O dia enegreceu”, são recursos comuns ao longo de todo o texto para marcar passagens de capítulos ou, como neste caso, para promover uma ruptura e/ou viragem na narração.

¹¹ O diálogo que se segue parece mesmo distanciar os protagonistas daquele lampejo de realidade incrustado nas páginas da *Lenda do Ceará*.

A carta ao Dr. Jaguaribe nos dá pistas sobre a metodologia adotada por Alencar para a elaboração de seu mais célebre romance. Nela podemos ver a importância dada pelo autor às questões etimológicas e etnológicas para a construção da poesia nacional. Segundo Alencar:

o poeta brasileiro tem de traduzir em sua língua as ideias, embora rudes e grosseiras dos índios. (...) O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de sua vida (ALENCAR, 1865, p. 253).

Ao que parece, a preocupação metodológica de José de Alencar transcendia os campos da estilística e da literatura. De fato, toda a carta aponta para a importância da pesquisa em torno do tema a ser escrito.

Não bastasse a carta ao Dr. Jaguaribe para contribuir com os apontamentos aqui apresentados, atentamos ainda para a o posfácio adicionado à segunda edição de *Iracema*. Nele Alencar comenta algumas críticas que vieram a lume após a primeira impressão de *Iracema*, algumas simpáticas, outras nem por isso.

Em dada altura do posfácio anotou Alencar (ALENCAR, 1865, p. 256): “Duvidou-se que ‘Poti do alto do coqueiro flechasse o camoropim nas águas do Mundaú’.” A esta dúvida, respondeu citando passagem de *Roteiro do Brasil*¹² de Gabriel Soares de Sousa (década de 1540 – 1591), importante cronista que serviu de fonte para a História colonial do Brasil a tantos historiadores oitocentistas contemporâneos de Alencar e, pelo visto, também ao próprio escritor.

Conclusão

Nas páginas de *Iracema* encontramos uma frutuosa combinação entre história e psicologia. O que poderia parecer absurdo para uma historiografia de cariz metódico e dita positivista passou a interessar àqueles historiadores vinculados à chamada nova história e, mais especificamente, à *École des Annales*¹³.

¹² Especificamente o Título 17, Capítulo CXL.

¹³ A despeito da questão entre História e Psicologia cf. BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a História**. São Paulo: Martins Fontes, 2002; HUNT, Lynn (org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. No tocante ao mesmo tema, mas vinculado às novas perspectivas da biografia enquanto possibilidade historiográfica, cf. DUBY, Georges. **Guilherme Marechal**. Rio de Janeiro: Graal, 1988; LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. São Paulo: Record, 2001. Sobre a

Ricoeur (1997, p. 323) quem nos lembra:

A mesma obra pode assim, ser um grande livro de história e um admirável romance. O espantoso é que esse entrelaçamento da ficção à história não enfraqueça o projeto de representância desta última, mas contribua para a sua realização.

Em *Como e porque sou romancista*, José de Alencar nos dá notas sobre o valor da memória para sua literatura. Segundo ele, foi em 1848 que a veia romancista se manifestou. Por esta época, de passagem pelo solo natal, reviveu várias lembranças que influenciariam sua escrita. Ainda em sua autobiografia lemos que Alencar costumava ficar “na velha biblioteca do convento de S. Bento a ler os cronistas da era colonial” e que neste tempo, “desenhavam-se a cada instante na tela das reminiscências, as paisagens do (...) Ceará.” (ALENCAR, 1873, p. 142)

As informações colhidas nos documentos históricos formatavam a interpretação do Brasil colonial que seria impressa nas páginas de seus romances históricos. A leitura dos cronistas proporcionava “uma coisa vaga e indecisa que devia parecer-se com o primeiro broto do *Guarani* e de *Iracema*, flutuava-me na fantasia” (ALENCAR, 1873, p. 143), dizia Alencar.

Valendo-se das referências documentais sobre o processo de colonização e de contato interétnicas, Alencar pôs-se, por meio da história, a discutir o nascimento de um povo. Ao construir uma narrativa, criou vida e fundou um todo humano. Com o mito, eternizou o evento na metáfora do fruto do amor de dois diferentes. Nas palavras de um que não foi qualquer Pessoa: “O mito é o nada que é tudo.”.

Sendo história, o texto reflete; sendo poesia, o texto faz; sendo mito, o texto eterniza.

A reta observação de José Aderaldo Castello não deixa dúvida sobre o fato de que o recurso às fontes históricas tramadas no texto fica muito aquém da força poética da narrativa utilizada em *Iracema*. Por isso mesmo, é certo é que o texto analisado seja uma lenda e não uma crônica. Ademais, em *Iracema* reconhecemos uma construção legítima do romancista¹⁴.

aproximação proposta à serviço da micro-história cf. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia. Letras, 1987.

¹⁴ Cf. CASTELLO, José Aderaldo. *Renovado elogio de Iracema*. In: ALENCAR, José de. **Iracema: Lenda do Ceará**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 15-21.

Se a virgem dos lábios de mel não nos conta história, sua doce voz nos faz refletir a história de seu povo e do contato luso-autóctone. Se não há nas páginas do livro fatos reais, a ficção criada nos obriga a pensar sobre a realidade dos fatos narrados.

Por tudo isso, ao tomarmos *Iracema* nas mãos, nossos olhos logo se dão com o vivo verde-mata a colorir o romance, convidando-nos a ouvir o chilrear dos pássaros em revoada cingido a leve brisa gentil que nos abraça a alma soprando, a cada virar de página, o doce cheiro marinho das praias de um Ceará que nunca foi, mas que aí se fundou.

Àquele que insistir em afirmar não existir história em Iracema, àquele que negar a vívida experiência que o texto de Alencar, metodicamente construído, (re)produziu, deixo uma pergunta final: o que é História?

Referências

Fontes

ALENCAR, José de. *Iracema*. In: _____. **Obras completas**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959. p. 125-155.

_____. In: _____. **Obras completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965. p. 193-266.

_____. *Cartas sobre "A confederação dos tamoios"*. In: _____. **Obras completas**, vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960. p. 864-935.

_____. *Os "Sonhos D'Ouro"*. In: _____. **Obras completas**, vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960. p. 935-939.

_____. *O nome Ceará*. In: _____. **Obras completas**, vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960. p. 1028-1036.

ASSIS, Machado de. *Iracema, por José de Alencar*. In: _____. **Obras completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973. p. 848-852.

_____. *A estátua de José de Alencar*. In: _____. **Obras completas**, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974. p. 624-625.

MAGALHÃES, Gonçalves de. *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*. In: **Nitheroy: Revista brasiliense**, Paris, t. 01, n. 01, p. 132-159, 1836.

MATOS, Raimundo José da Cunha; BARBOZA, Januário da Cunha. *Breve notícia sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. **Revista do**

Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Ed. Fac-sim (1º trimestre de 1839). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, t. 01, n. 01, p. 05-08, 1908.

MOTTA, Arthur. **José de Alencar (o escritor e o político) sua vida e sua obra.** Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1921.

Referencial teórico

BUENO, Luís; MOREIRA, Maria Eunice (orgs.). **A Confederação dos Tamoios.** Curitiba: UFPR, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010, p. 32.

CASTELLO, José Aderaldo. **"A polêmica sobre A confederação dos tamoios"**. São Paulo: Seção de Publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953.

_____. *Renovado elogio de Iracema.* In: ALENCAR, José de. **Iracema: Lenda do Ceará.** Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 15-21.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Para escrever o passado como história: o IHGB e a Sociedade dos Antiquários do Norte.* In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto P. (orgs.). **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos.** Rio de Janeiro: Access, 2001, 1-28.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** Campinas: Unicamp, 1994.

PELOGGIO, Marcelo. *José de Alencar: um historiador à sua maneira.* **Alea**, vol. 06, n° 01, jan.-jun. 2004.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** São Paulo: Papirus, 1997, t. 3.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do Imperador.** São Paulo: Cia. Letras, 1998.

_____. **O espetáculo das raças – Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930).** São Paulo: Cia. Letras, 2001.

WHITE, Hayden. **Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX,** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. **Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura.** São Paulo: EDUSP, 1994.

Recebido em *Fevereiro* de 2012

Aprovado em *Abril* de 2012